



DESVENDANDO A CIDADE DE SÃO PAULO, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX*

Maria Cecília Naclério Homem**
Instituto de Estudos Brasileiros – USP
mcecilia@usp.br

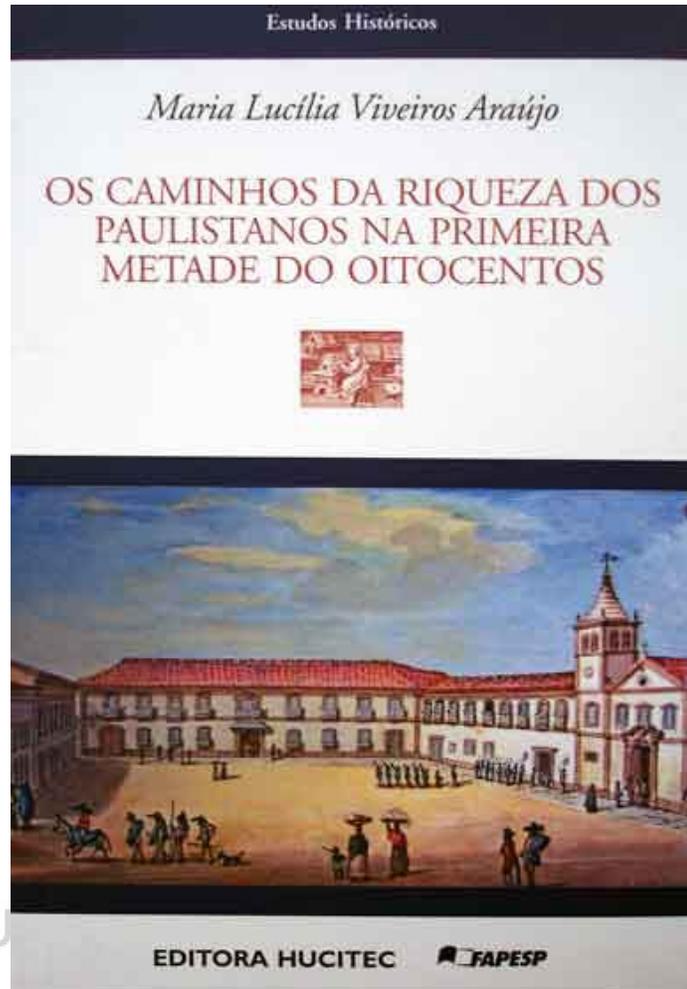
O livro em questão, **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**, de Maria Lucília Viveiros Araújo,¹ foi elaborado a partir da tese de doutoramento da autora, orientada pelo Prof. Dr. Nelson Hideiki Nozoe. Trata-se de um trabalho compacto e substancioso, o qual demonstra que a cidade de São Paulo não era tão pobre na primeira metade do século XIX, pelo menos no que diz respeito a um determinado número de famílias que conseguiram acumular riqueza. Os resultados de uma pesquisa rica e meticulosa levam à reformulação do mito da pobreza paulistana vigente no que se refere ao período coberto pelo ciclo do açúcar paulista, que se faz acompanhar de uma série de atividades econômicas complementares e paralelas. Herança da historiografia tradicional, esse mito, que prevaleceu até a década de 1960-70, costumava opor a pobreza paulistana à opulência trazida com o *boom* do café, sugerindo a existência de um corte profundo entre os dois ciclos.

* RESENHA do livro de autoria de Maria Lucília Viveiros de Araújo. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006, 223 p. (Série Estudos Históricos 61)

** Maria Cecília Naclério Homem é mestre em História (FFLCH-USP) e doutora em Estruturas Ambientais Urbanas (FAU-USP). Realiza pesquisas na área de História Urbana e História da Cultura Material no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Escreveu diversos artigos e os livros: **Higienópolis**: grandeza de um bairro paulistano; **Prédio Martinelli**: a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo e **O Palacete Paulistano**.

¹ Maria Lucília Viveiros Araújo é mestre em História da Arte e doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Foi professora e coordenadora do ensino fundamental e médio. É pesquisadora do Núcleo de estudos de História Demográfica – NEHD e da Cátedra Jaime Cortesão. Publicou diversos artigos em revistas especializadas e em anais de congressos acadêmicos. Os interessados poderão consultar os resumos no seguinte endereço: <<http://www.brnuede.com/pesquisadores/lucilia/index.htm>>

A historiografia paulistana valia-se sempre das mesmas fontes: cronistas locais e relatos de viajantes estrangeiros, chegando, por isso, a resultados análogos. Teodoro Sampaio,² Afonso de Escragnole de Taunay,³ Ernani Silva Bruno⁴ e Richard Morse⁵ confirmaram a pobreza, o marasmo e o provincianismo da cidade de São Paulo. O último, concluiu: “Sem riqueza não pode haver estradas a reduzirem a inacessibilidade e o provincianismo da cidade”.⁶ Mesmo Taunay, que utilizou farta documentação oficial, ao expor os fatos políticos na súmula que realizou de sua vasta



obra, publicada no IV Centenário da Cidade, caracteriza-a como também vivendo “[...] pacífica e modorrentamente, de 1701 a 1821. Nenhum grande acontecimento veio perturbar-lhe a quietude de uma época de acentuada depressão econômica progressiva [...]”.⁷

Na linha da história econômica, dois autores salientaram-se quanto ao estudo do ciclo do açúcar paulista e do ciclo dos muares: Alfredo Ellis⁸ e Maria Tereza Schöerer

² SAMPAIO, Teodoro. São Paulo no século XIX. *Revista do I.H.G.S.P.*, v. VI, São Paulo, 1900-01, p. 159-205.

³ TAUNAY, Afonso de E. *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

⁴ BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1953. (3 vols).

⁵ MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970. (a primeira edição é de 1954)

⁶ Ibid., p. 89.

⁷ TAUNAY, op. cit., p. 232.

⁸ ELLIS JR., Alfredo. *A economia paulista no século XVIII: o ciclo do luar e o ciclo de açúcar*. São Paulo: Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1979, vol. 11. (a primeira edição é de 1950)

Petrone,⁹ concluindo ambos, pela formação de riqueza, na Capitania, ainda que inferior à do Nordeste açucareiro. Petrone compôs também a biografia de Antônio da Silva Prado, o futuro Barão de Iguape, um empresário da época da Independência, valendo-se de seus diários e livros de contas correntes. Esse trabalho complementa a sua proposta inicial, ao confirmar a importância do comércio das tropas de mulas, acrescido das cobranças de impostos e dos negócios bancários do biografado. É importante acrescentar que, a par do pioneirismo e da contribuição dos autores, faltava uma visão do conjunto, pois que as atividades econômicas foram consideradas separadamente, e em detrimento de outras. Assim, uma série de questões ficaram por responder: onde estavam as fortunas feitas nas Monções? Quais eram os diversos ramos do comércio, incluindo-se o dos escravos africanos? Como ocorriam as atividades bancárias, além das incursões realizadas por Antônio Prado, nesses setores? Lembramos, ainda, que foi na época ora enfocada que se estruturaram importantes clãs familiares, que se projetaram ao longo dos ciclos do açúcar e do café, assumindo lideranças econômicas, políticas e culturais, tanto na esfera local quanto nacional.

Em seu trabalho, realizado à base de dados censitários e, principalmente, do estudo quantitativo dos inventários paulistanos *post mortem*, datados da primeira metade do século XIX, Araújo conseguiu dar uma visão de conjunto, compondo o panorama das atividades econômicas, ao qual incluiu a população e suas profissões. Identificou “o grau de acumulação e reprodução da riqueza dos moradores de São Paulo entre 1800 e 1850”,¹⁰ concentrado nas mãos de algumas poucas famílias desde o século anterior. Mas a autora vai mais além, pois compara esses dados com os índices recentes e aponta a gênese da exclusão social.

Os paulistanos criaram riqueza a partir da exploração de diversas atividades econômicas que se vinculavam à produção do açúcar: engenhos das novas áreas agrícolas mais afastadas da cidade, em locais como Jundiaí, Porto Feliz (Ararituaba), Itu, Mogi Guaçu, Piracicaba, Capivari, etc.; diferentes modalidades de comércio: de mulas, de escravos, de gêneros importados e do país; atividades de caráter bancário, tais como créditos, empréstimos, letras, etc., valores imobiliários, etc. A autora mostra que

⁹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. **A lavoura canavieira em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1968; e _____. **O Barão de Iguape**. Um empresário da época da Independência. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/INL, 1976. (Brasiliense, vol. 361)

¹⁰ ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006, p. 18.

os paulistanos construíam toda uma infra-estrutura, tanto agrária, quanto urbana, que incluía a abertura de estradas, uso de vias fluviais, transportes em tropas de mulas e em carros de boi, a edificação de prédios e outras benfeitorias urbanas resultantes dos novos programas administrativos ditados pela Metrôpole. Estes começaram pelo Marquês de Pombal (1750-1777), primeiro ministro ilustrado de D. José I, e foram implantados pelos seus prepostos, que estiveram à testa da Capitania de São Paulo.

Entre as conseqüências do enriquecimento paulistano, Maria Lucília mostra o adensamento da cidade e o aumento do número de edifícios públicos e de benfeitorias urbanas, os quais ela enumera no primeiro capítulo:

Uma das primeiras medidas do governador Morgado de Mateus (1765-1777) foi normalizar o abastecimento de gêneros na cidade. Para isso, determinou a instalação de um mercado local vinculado à Câmara, denominado “Casinhas”. Este esquema funcionou com poucas alterações até meados do século XIX, época da criação do mercado municipal. Várias obras do governador Lorena, do fim do século XVIII, dariam novo perfil urbano à cidade de São Paulo: a construção do quartel, o calçamento de ruas, o chafariz do Largo da Misericórdia, a reconstrução da ponte do Anhangabaú e a construção da ponte do Lorena. Na gestão anterior, o capitão-general Francisco Cunha Meneses (1782-1786) fizera o calçamento das ruas da cidade, aterrara a várzea do Carmo, para acesso ao Brás, abriu a Rua da Constituição e construiu a Câmara e Cadeia. O governador seguinte, Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça criou o Jardim Botânico, na Luz; instituiu uma grande feira anual conhecida como Feira de Pilatos; construiu o Hospital Militar e organizou o sistema de correios entre Santos e a capital. No limiar do século XIX, a cidade de São Paulo já possuía um princípio de organização urbanística.¹¹

Para tanto, a historiadora levantou 165 inventários *post mortem*,¹² no arquivo do Judiciário, e outros documentos no Arquivo do Estado e na Cúria Metropolitana, entre os anos de 1800 e 1850, e, graças aos recursos modernos, proporcionados pela informática, pôde realizar o cruzamento dos dados. Tal documentação foi

¹¹ ARAUJO, Maria Lucília Viveiros de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006, p. 31-32.

¹² Os inventários *post mortem* trazem dados relativos aos bens materiais, em vista dos direitos de sucessão, existentes desde a formação da América Portuguesa. Esses direitos preservaram-se no Brasil até 1916, quando foi aprovado o primeiro Código Civil Brasileiro, alterado em 2002. Esse tipo de documentação somente recebeu metodologia específica após o desenvolvimento dos estudos das séries documentais e da demografia histórica, especialmente na França. Ver: ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. Contribuição metodológica para a pesquisa historiográfica com os testamentos. **Histórica** – Revista do Arquivo do Estado de São Paulo, ed. 6., out. 2005. Disponível em: <www.historica.arquivoestado.sp.gov.br>

complementada pelas décimas urbanas¹³ relativas aos anos de 1809 e 1829, pelos termos de concessão de datas de terras e pelo ritmo da compra e venda dos imóveis.

Sob esse aspecto, o livro de Araújo enquadra-se numa seqüência de estudos produzidos a partir de novas fontes e de novas metodologias, que não sejam, necessariamente, inventários.¹⁴ A autora salienta o pioneirismo de Maria Luiza Marcílio, que introduziu os métodos da demografia histórica, com base nos censos entre 1765 e 1836, por onde verificou o aumento da demografia e da renda *per capita*, indícios da existência de riqueza.¹⁵ O trabalho que Elizabeth Darwiche Rabello realizou sobre os comerciantes na sociedade paulistana na primeira metade do século XIX, baseado nos maços de população e em manuscritos variados, mostra que as atividades comerciais possuíam várias modalidades e que os comerciantes estavam em ascensão do ponto de vista econômico, político e social. Darwiche, utilizando as listas nominativas, verificara também, as tendências de crescimento das atividades profissionais da capital paulista, nas primeiras décadas do mesmo século.¹⁶

Na seqüência dos trabalhos de história econômica, realizados na base dos inventários, salientam-se o de Zélia Maria Cardoso de Mello e o de Maria Luiza Ferreira de Oliveira, enfocando, respectivamente, os meados e a segunda metade do

¹³ As décimas urbanas eram o imposto predial cobrado anualmente sobre o valor do imóvel e dos aluguéis. O mais completo que se localizou em São Paulo é o de 1809.

¹⁴ A autora esclarece que a obra de autoria de José de Alcântara Machado (**Vida e morte do bandeirante**. São Paulo: Martins, 1943) marcou a historiografia do século XX, por ter sido a pioneira em utilizar os inventários referentes aos primeiros séculos, com o objetivo de caracterizar o modo de vida do bandeirante. Suas conclusões reforçaram a tese da pobreza da sociedade paulistana dos Seiscentos e chocaram-se com a obra de Oliveira Viana. Entretanto, para os pesquisadores de hoje, nada esclarece sobre os métodos e as técnicas da história serial. Ver: ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006, p. 72.

¹⁵ MARCÍLIO, Maria Luiza. **A cidade de São Paulo, povoamento e população, 1750-1850**. São Paulo: Pioneira-USP, 1974, p. XV; e da mesma autora **Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)**. Livre-docência (História), São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1974. (Editada pela Hucitec em 2000)

¹⁶ RABELLO, Elizabeth Darwiche. **Os comerciantes na sociedade paulistana na primeira metade do século XIX**. Livre-Docência (História), Assis: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Assis), 1988; ALMEIDA, Elizabeth Darwiche Rabello. **A cidade e sua estrutura profissional: 1804-1825**. In: COSTA, Iraci del Nero (Org.). **Brasil: história econômica e demográfica**. São Paulo: IPE/USP, 1986, p. 223-244. Da mesma autora: **As elites na sociedade paulista na segunda metade do século XVIII**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, 1972; (publicada com o mesmo título em São Paulo: Safady, 1980). William Puntchart escreveu: **Negócios e negociantes paulistas: 1808-1822**. Tese (Doutorado) em História, Universidade de São Paulo, 1998.

século XIX De modo que a obra, ora em questão, veio completar as análises dos Oitocentos, feitas à luz dos inventários.¹⁷

Maria Lucília fornece um panorama dos grupos de riqueza que se compuseram na cidade:

[...] os dados gerais e os estudos de casos (inventariados com muitos devedores e igualmente com muitos credores) demonstraram que era positiva a relação comercial de São Paulo com as praças do Rio de Janeiro e de Portugal [...]. Detectamos que o grupo mais rico tendia a transferir parte da sua riqueza aos engenhos das novas áreas agrícolas (mais distantes da capital). O grupo de menor nível de riqueza mantinha a maior porcentagem de créditos da região, e as camadas médias investiam mormente nas propriedades ou nos negócios locais, [...] aos demais grupos econômicos restava a atuação local. Conjuntamente, esses investimentos acabavam por animar as atividades econômicas paulistanas.¹⁸

A obra está dividida em quatro capítulos. No capítulo I, a autora realiza uma súmula dos principais acontecimentos que marcaram os primeiros séculos do povoamento da capitania de São Paulo, incluindo as mais recentes teses sobre o período, os processos de ocupação e adensamento do centro histórico da cidade, e também os principais fatos da política e da administração pública. Apresenta o quadro profissional da cidade, com base nos mapas da população, analisa o padrão de vida dos moradores e os estudos que analisaram as listas nominativas da cidade de São Paulo.

A avaliação das fontes documentais, os procedimentos metodológicos e os critérios da pesquisa estão relatados no segundo capítulo. Aí, a autora registra a legislação sobre sucessão aplicada nos processos de inventários no Brasil e discorre sobre a moeda e sua desvalorização. Foi elaborada uma resenha de métodos de pesquisa com os inventários *post mortem* no país, comparando-os com discussões de importantes centros acadêmicos.

No capítulo terceiro, são revelados os resultados dos bancos de dados, sintetizados em tabelas e gráficos, o que lhe possibilitou identificar e quantificar o nível de concentração da riqueza e compará-lo com os estudos correlatos de outras regiões do Brasil (Rio de Janeiro e Bahia). A autora descreve a evolução dos bens dos paulistanos

¹⁷ MELLO, Zélia Maria Cardoso de. **Metamorfoses da riqueza, São Paulo, 1845-1895**. São Paulo: Hucitec, 2000; e OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém**. São Paulo: Alameda, 2005. Este último baseou-se na Tese de Doutorado (em História Social): **Relações sociais e experiência da urbanização de São Paulo, 1870-1900**, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo de 2003.

¹⁸ ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006, p. 19. Panorama desenvolvido no cap. IV.

antes e depois da Independência. Realizou a contagem detalhada dos bens inventariados, a percepção do nível de enriquecimento dos mesmos indivíduos, nas cinco décadas, pelo aumento do número de escravos, os bens transmitidos a herdeiros e sua bem sucedida administração, indicada pela reprodução da riqueza. Neste capítulo, o período foi dividido em cinco décadas e os detentores da riqueza em três grupos: A: acima de 50 contos de réis, B, até 50 contos e C até 10 contos. Os detentores das maiores fortunas eram numericamente inferiores: treze no total dos 146 mais ricos, sendo a do Brigadeiro Luís Antônio de Sousa, português de nascimento e falecido em 1819, a maior de todas: 1.118:085.773, provavelmente, a segunda maior fortuna do país no período.¹⁹ Os portugueses acumularam mais riqueza antes da Independência, com 81% dos montes brutos. No entanto, após 1822, os paulistanos mobilizavam 55% dos bens, os dos portugueses haviam caído para 12%, o que quer dizer que a riqueza, nessa época, se abasileirava.²⁰

Os ativos mais importantes nas cinco décadas foram os imóveis, com média de 25,7%; as dívidas ativas: 23,4%; os escravos: 23,3%; e os bens profissionais: 13,4% (engenhos e lojas). Os demais sempre apresentaram taxas modestas: bens monetários: 3,5%; rendas diversas: 3,5%; animais: 2,7%; metais preciosos: 2,2%, e, por último, os bens pessoais: 2,0%.²¹ A seguir, Araújo analisa cada um desses bens. Eis algumas observações: a prataria e as jóias lideraram os ativos nos Setecentos, segundo José de Alcântara Machado,²² mas no século seguinte, as pedras e os metais representavam em média menos de 5% da riqueza acumulada. Após 1822, tendeu-se a investir mais em imóveis, escravos e bens profissionais, quiçá devido às falências do Banco do Brasil e da Fábrica de Ferro de Ipanema, ocorridas na década de 20, apontando para investimentos aparentemente mais seguros. Os imóveis rurais, tais como sítios, fazendas e engenhos, localizados nos bairros periféricos e no interior, eram mais valorizados do que os imóveis urbanos, pois que, “além de serem investimentos produtivos e produzirem lucros, podiam proteger o capital das constantes desvalorizações da moeda

¹⁹ Baseada em autores que estudaram o assunto em outras Províncias, a autora sugere que a fortuna do Brigadeiro Luís Antônio de Sousa só teria sido superada pela do português Brás Carneiro Leão, falecido em 1808, no Rio de Janeiro, com 1.500:000 contos de réis. ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006, p. 92-94.

²⁰ Ibid., p. 31. (tabela 34)

²¹ Ibid., p. 93.

²² ALCÂNTARA MACHADO, José de. **Vida e morte do bandeirante**. São Paulo: Martins, 1943, p. 97.

da nação”.²³ Os escravos foram o investimento mais estável na primeira metade do século XIX. Em todas as décadas ocorreu uma crescente valorização do escravo (bem semovente) e um aumento da quantidade presente nos inventários. Verificou a autora que 75% dos escravos trabalhavam no meio rural, nos engenhos, nas fazendas e nos sítios; os demais, atuavam nas casas e nas chácaras da cidade. O maior número de cativos apareceu na década de 1830: 1422 e, na década seguinte, o maior valor médio: 346\$787, talvez resultado da pressão inglesa pelo fim do tráfico.

No capítulo seguinte, encontram-se elucidadas as estratégias de acumulação de riqueza dos moradores da capital, ficando os inventariados separados em três categorias. Maria Lucília Araújo traça os perfis dos bens materiais dos negociantes de grosso trato, dos comerciantes a retalhos, dos agricultores de alimento, dos artesãos e dos funcionários da cidade. A autora analisa, nos estudos de caso, o nível de vida, novos hábitos e o aumento do consumo. Nos inventários mais ricos, apareceram instrumentos musicais, bibliotecas, imagens sacras em metais preciosos, móveis e alfaias variadas, etc. Em suma, a historiadora aponta a contribuição de cada grupo socioeconômico para o desenvolvimento regional, ao mesmo tempo em que fornece dados valiosos para a história da cultura material.

Como considerações finais, Maria Lucília resume os resultados relevantes apresentados no corpo deste livro que constitui leitura obrigatória a todos os interessados no estudo do período.

²³ ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006, p. 104.